



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE FILOSOFIA

MARÍLIA MITHYÊ ANDRADE DA SILVA

A IDENTIDADE DO PROFESSOR E O ENSINO DE FILOSOFIA

Campina Grande – PB

2014

MARÍLIA MITHYÊ ANDRADE DA SILVA

A IDENTIDADE DO PROFESSOR E O ENSINO DE FILOSOFIA

Relatório de Estágio Supervisionado I apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

Campina Grande – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586i Silva, Marília Mithyé Andrade da
A identidade do professor e o ensino de filosofia [manuscrito]
/ Marília Mithye Andrade da Silva. - 2014.
30 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda,
Departamento de Filosofia".

1. Ensino de Filosofia 2. Relação Professor-Aluno 3.
Identidade I. Título.

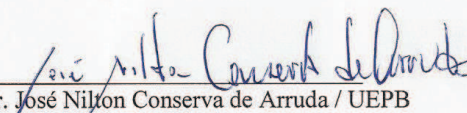
21. ed. CDD 100

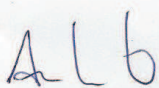
MARÍLIA MITHYÊ ANDRADE DA SILVA

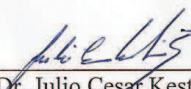
A identidade do professor e o ensino de filosofia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 27/11/2014.


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, que tem me ajudado nesta caminhada em busca do conhecimento.

A minha família, que sempre me apoiou e depositou todos seus cuidados em minha educação pessoal, em especial, minha mãe, que, mesmo sem boa estrutura financeira, esforçou-se e colocou-me para estudar.

Aos meus colegas de turma, que me incentivam e me trazem alegria nas dificuldades e, com isso, tornam-me mais firme.

A todos os professores da Universidade Estadual da Paraíba, que, com paciência, compartilham os conhecimentos de maneira prazerosa. E principalmente ao professor Dr. José Nilton Conserva de Arruda que me auxiliou neste trabalho sobre as reflexões em torno do Ensino de Filosofia.

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido com intuito de explorar o tema: *A identidade do professor e o ensino de filosofia*. A pesquisa não será meramente teórica, pois os elementos conceituais serão confrontados com a nossa experiência no Estágio Supervisionado I, realizado no âmbito do Ensino Médio. Assumimos como um dos nossos objetivos investigar principalmente a relação entre professor e aluno em sala de aula, e de como as expectativas de ambos os lados tem influído diretamente na relação ensino–aprendizagem, pois a identidade que o professor de filosofia construiu ao longo de sua vida acadêmica, na maioria das vezes, não corresponde ou não interessa aos alunos, se traduzindo em uma dificuldade a mais para que o conteúdo filosófico venha a ser ministrado com sucesso. Assim, foram utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho a pesquisa bibliográfica e a observação participativa decorrente da presença na sala de aula ao longo do Estágio Supervisionado I.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de filosofia; Identidade; Professor/Aluno.

ABSTRACT

This work was developed with the aim of exploring the theme: The identity of the teacher and the teaching of philosophy. The research is not merely theoretical, since the conceptual elements will be confronted with our experience in the Supervised Internship I, stage held as part of high school. Assumed as one of our goals mainly investigate the relationship of teacher and student class room, and the expectations of both sides has influenced directly in the teaching - learning because the identity that the professor of philosophy built along its academic life, in most cases, does not correspond or no interest to students, translating into a further difficulty for the philosophical content will be delivered successfully. So, were used to develop this work bibliographies research and participant observation due to the presence in the classroom throughout the Supervised I.

KEYWORDS: Teaching philosophy; identity; Teacher / Student.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A ESCOLA.....	9
2.1. Caracterização geral da Escola	9
2.2. As instalações físicas estão assim distribuídas:	9
2.3. A escola está organizada da seguinte forma:	10
2.4. Caracterizações da(s) sala(s) de aula(s)	11
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.	12
3.1. Visões e mudanças na identidade do professor.	12
3.2. Papel e função do professor de filosofia nos dias atuais.....	14
4. REFLEXÕES FILOSÓFICAS ACERCA DO ENSINO DE FILOSOFIA.....	16
4.1. Orientações curriculares.	16
4.2. Professor Filósofo X Professor Reformulador.....	18
5. RECOMENDAÇÕES METODOLÓGICAS.	21
5.1. Vivência do estágio de observação da Prata: sob o foco do papel do professor de filosofia.	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26
8. ANEXOS	27

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi produzido a partir de elementos teóricos pautados na nossa experiência de Estágio Supervisionado, objetivando compreender qual o papel do professor de filosofia na sala de aula, isto é, qual a identidade que o professor de filosofia assume e como essa identidade se afirma e se reconstrói a partir do confronto diário com os alunos em sala de aula. Há uma expectativa dos alunos em relação a como deve ser um professor de filosofia, uma imagem relacionada com o modo como se convencionou ser um filósofo para o senso comum. No confronto da identidade que o professor consolidou ao longo de sua formação com as expectativas presentes no alunado, dá-se a construção de uma nova identidade que buscaremos compreender e analisar. Para o desenvolvimento desse tema, apresentamos inicialmente algumas questões enfrentadas pelos professores de filosofia em seu cotidiano. Nesta perspectiva, o trabalho que se desenvolverá a partir dessas questões recorrentes e das possíveis dificuldades relacionadas a elas. Através do estágio supervisionado I, foi possível realizar atividades fundamentais para a produção deste trabalho. A principal dificuldade relatada é a indiferença dos discentes em relação ao conteúdo do componente curricular Filosofia. Essa indiferença afeta diretamente a identidade do professor, pois a filosofia é sempre associada com um conteúdo crítico, formador da cidadania, porém o que se encontra em sala de aula é uma completa alienação em relação com os temas e problemas políticos, sociais e econômicos. Diante do exposto, surgem questionamentos sobre como lidar com essa realidade desafiadora e, muitas vezes, desestimulante, bem como sobre a necessidade de se traçar novos caminhos que auxiliem na redefinição do papel do professor de filosofia, de modo a que os alunos possam desenvolver um maior interesse para com a filosofia e a sua própria cidadania.

2. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A ESCOLA

2.1. Caracterização geral da Escola

A Instituição de Ensino visitada foi a Escola Estadual Ensino Médio e Profissionalizante Doutor Elpídio de Almeida, situada à Rua Duque de Caxias, nº. 235, no bairro da Prata, na cidade de Campina Grande, Paraíba, CEP: 58.108.820. A escola funciona nos turnos manhã, tarde e noite respectivamente, com 23 salas de aula no turno da manhã e noite e 22 salas no turno da tarde. Cada sala tem capacidade para quarenta e cinco alunos, no máximo. Atualmente a diretoria geral é da senhora Ana Rejane R. Nogueira, cuja formação acadêmica é Licenciatura em Química.

2.2. As instalações físicas estão assim distribuídas:

- 01 auditório;
- 01 biblioteca;
- 01 sala de vídeo;
- 01 laboratório;
- 01 escritório modelo;
- 01 sala de computação;
- 01 sala de processamento de dados;
- 01 diretoria;
- 01 espaço reservado para núcleos de ensino (4);
- 02 salas para equipe pedagógica (supervisores, orientadores, assistentes gerais);
- 01 secretaria/arquivo;
- 01 almoxarifado;
- 01 sala para professores;
- 01 sala para funcionários;
- 01 sala para departamento de educação Física;
- 01 cantina;
- 01 sala para administração Geral e Pedagógica do CEPES CG. 1.

2.3. A escola está organizada da seguinte forma:

- Organização Administrativa;
- Administração Executiva;
- A administração é pautada nos princípios da gestão participativa, na qual os encaminhamentos são articulados a partir das decisões da comunidade escolar.

A administração é composta:

- 01 diretor geral;
- 03 diretores adjuntos (um por turno de funcionamento).

O diretor geral coordena toda a parte administrativa e funcional da escola junto com seus auxiliares diretos. Estes têm autonomia nos respectivos turnos em que atuam, procurando, através do diálogo e respeito, fazer com que as ações educativas sejam realizadas de forma equilibrada e eficiente.

A escola tem capacidade para três mil e cem alunos, distribuídos nos três turnos (manhã, tarde, noite) nos cursos: Científico, Técnicos de Contabilidade, Secretariado e Enfermagem.

Os funcionários dos serviços gerais como Limpeza, Vigilância, Chefia de Disciplina e Inspetorias estão sob a coordenação geral do diretor e adjuntos dos respectivos turnos.

Estão assim distribuídos:

01. O chefe de disciplina (por turno) - caberá ao chefe de disciplina coordenar e orientar os inspetores de classe em relação ao bom funcionamento disciplinar na escola. Ele fará reuniões quinzenais com a equipe a fim de avaliar e traçar metas para um bom desempenho de todos os seus subordinados;
02. Os inspetores estão encarregados de manter a ordem e a disciplina da escola;
03. Os encarregados de limpeza são responsáveis pela conservação e higiene da escola;
04. Os vigilantes estão atentos para manter a ordem na escola;

05. O eletricista e o encanador estão de sobreaviso para quaisquer eventualidades que por ventura possam existir na área de sua competência;
06. O porteiro fica encarregado de coordenar o trabalho na portaria.

Obs.: Não foram realizadas pesquisas quanto ao sexo, nível educacional, faixa etária ou condições socioeconômicas dos funcionários.

2.4. Caracterizações da(s) sala(s) de aula(s)

O atual professor de filosofia da turma observada no estágio supervisionado I é do sexo masculino, tem formação em Filosofia e está concluindo mestrado, também em Filosofia. Não foi consultado o valor do salário do professor.

Os alunos estão na faixa etária entre 16 e 18 anos, com pequena predominância do gênero masculino, coeficiente dos alunos que estavam no dia da aplicação do questionário. Estes alunos são do 2º ano D, turno manhã. Não foi feita pesquisa quanto às condições socioeconômicas.

A turma observada possui 45 alunos regularmente matriculados, porém a média de presença durante as aulas de filosofia era de apenas 28 alunos. Não foi levada em conta a presença dos alunos em aulas de outras disciplinas. A estrutura física não dispõe de mecanismos de isolamento acústico. Isto se reflete na dificuldade de comunicação entre alunos e professores, pois era ensurdecido o barulho externo, provindo dos outros alunos que estavam no corredor e até mesmo dos trabalhadores que atuavam na reforma pela qual a escola passava. As demais partes físicas da sala de aula se encontravam em condições razoáveis de uso.

A relação professor-aluno se dava de forma dialógica. Havia um bom grau de amizade entre eles, isso contribuía para um bom desempenho na aula. Contudo, a postura do professor era sempre a de tentar desenvolver o exercício de reflexão entre os alunos de forma democrática e flexível.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

3.1. Visões e mudanças na identidade do professor.

Desde o final da década de 1970, surgiram vários estudos sobre os cursos de pedagogia e principalmente sobre a formação de professores no Brasil. Libâneo (2008) nos informa que esses estudos surgem com o objetivo de reformulação do sistema de formação dos educadores, pois o sistema educacional vigente na época era considerado produto de políticas antipopulares. A partir disso, podemos observar o surgimento de algumas razões históricas para a criação dos cursos, a situação do ensino e a preparação de professores. Qualquer modificação nesse panorama envolvia uma modificação na estrutura dos conhecimentos pedagógicos e seus conteúdos.

Libâneo (2008) nos mostra como se desenvolveu o percurso histórico da evolução dos estudos da Pedagogia Tradicional, a Educação Nova e a “Ciência da Educação”. Do período áureo da Pedagogia Tradicional, a partir dos jesuítas, até aos anos que precedem o lançamento do movimento da Educação Nova, em que o estudo da educação se faz a partir da unicidade da pedagogia e, logo após, herbartiana e positivista. Pois, segundo Libâneo:

De fato, tanto para os pedagogos católicos como para os herbartianos, somente uma pedagogia unitária pode formular um sistema orgânico de conceitos em torno dos fins e métodos da educação. Seu caráter de ciência unitária advém do seu objeto formal, a educação do homem em formação, mesmo considerado que seu objeto material seja comum a outras ciências (LIBÂNEO, 2008, p.115).

No tempo do Império, os estudos pedagógicos desenvolviam os cursos de formação do magistrado, assim conhecidos como as Escolas Normais. Já por volta de 1889, são desenvolvidas condições necessárias ao surgimento de movimentos de renovação pedagógica e cultural. No início do período republicano, desenvolveu-se a pedagogia católica que oferecia de escolas superiores e secundárias e, além disso, a criação de gráficas e editoras que produziam manuais de pedagogia para o uso das escolas normais. Na concepção católica, a pedagogia e a filosofia andam juntas, a pedagogia católica desenvolve uma filosofia de educação de caráter normativo e especulativo (LIBÂNEO, 2008).

A Educação Nova e a “ciência da educação” se iniciam na Europa no final do século XIX. Passam para os Estados Unidos e, logo após a Segunda Guerra, em 1945, chegam a influenciar na educação brasileira. Esse método da Educação Nova tinha como objetivo desenvolver novos programas de ensino a partir das influências de movimentos sociais e políticos e do desenvolvimento das ciências, como Biologia, Filosofia e Psicologia. Assim,

Sob essa inspiração, desenvolve-se um amplo movimento de renovação escolar de conotação liberal, reunindo nomes como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Paschoal Lemme e outros, em torno da ideia de reconstrução educacional para o desenvolvimento social e econômico do país. (LIBÂNEO, 2008, p.121).

Da década de 1960 ao início da década de 1970, temos um período chamado de “Tecnicismo Educacional”, marcado pelo o contexto do regime militar que foi instaurado no Brasil. Essa tendência deixa sua marca em aspectos formais da organização escolar e também na didática, e um pouco menos com relação aos termos de concepção de ensino, tendo influenciado grande parte dos projetos governamentais e principalmente estudos na área de educação. Assim, no final da década de 70, os educadores progressistas conquistam mais espaço no cenário nacional.

Com o fim do regime militar no Brasil, a abertura política possibilitou maior movimentação na área da educação. Posteriormente no início de 1980, o movimento progressista pela formação profissional de educadores da mesma tendência se repete, com uma forte influência do Marxismo que contribuiu para a análise dos vínculos da educação com a sociedade.

Por outro lado, mesmo que o professor tenha tido influência “progressista” em seus cursos de educação, ele absorveu o ideário “Escola Nova”. Atualmente, o professor tem o aluno como o centro, pois seu ato educativo é voltado em torno de uma boa relação professor-aluno, procurando realizar, sobretudo, os interesses do alunado. Embora, o professor encontre em seu caminho vários desafios, deverá enfrentá-los e ser eficiente e produtivo, conseguindo alcançar seu objetivo.

Como vemos, a educação brasileira passou por várias etapas para que o professor chegasse a ter uma melhor formação até chegar à sala de aula. Este deve se adaptar às circunstâncias impostas pelo seu local de trabalho, tendo em vista atingir um bom

desempenho para que seus alunos não tenham tanta dificuldade com relação a sua disciplina.

3.2. Papel e função do professor de filosofia nos dias atuais.

Com o passar dos anos, as mudanças ocorrem na identidade do professor, pois além de ter que passar pelas dificuldades do cotidiano, ele ainda tem o dever de desenvolver habilidades e competências dos estudantes para perceberem e analisarem os conflitos sociais vivenciados diariamente. Com isso, mais uma tarefa é confiada ao já sobrecarregado professor: fazer da sua sala de aula um laboratório para repassar aos alunos categorias críticas e analíticas que possibilite uma reflexão filosófica que seja base para a cidadania, como se esta não já fosse responsabilidade de todo o sistema de ensino.

Uma atividade essencial para o professor é estar sempre se atualizado, buscar aprimorar conhecimentos e desenvolver conteúdos para obter melhor desempenho no exercício de sua própria reflexão, bem como estimular os alunos a raciocinarem criticamente e a compreenderem a necessidade de sempre buscar novos conhecimentos. Não somente reproduzirem os conhecimentos adquiridos, mas pensar de maneira livre e criativa, já que o filosofar é pensar por si mesmo e trazer novas questões para o dia-a-dia.

Diante disso, observamos que o professor enfrenta vários desafios para promover em seu alunado uma atitude filosófica. É importante ressaltar que para ele conseguir desenvolver essa atitude, será de fundamental importância utilizar textos filosóficos que, uma vez compreendidos pelos alunos, farão com que seja dado mais um passo no caminho da filosofia, compreendido como uma jornada contínua, pois, na realidade, a caminhada para se chegar ao refletir é muito mais complexa quando é posta em prática. Nesse sentido, observados estes critérios, teremos feito um primeiro movimento essencial em direção ao saber.

Podemos ainda acrescentar que, segundo Cunha (2006), dentre as habilidades que um bom professor de filosofia deve ter está a organização do contexto da aula. Entende-se com isso que: (1) os alunos poderão apreender o objetivo do estudo que o professor

vai desenvolver em sala de aula; (2) estarão informados do objetivo de sua aprendizagem; e (3) compreenderão qual é o nível de aprendizagem que será solicitado nas avaliações. Outro ponto importante é a contextualização histórica por parte do professor, ou seja, é necessário informar como tal conhecimento foi produzido para, enfim, estabelecer estruturas de reflexões que levam à compreensão do assunto abordado. É imprescindível que o professor promova, em sala de aula, a participação dos alunos, de modo que eles dialoguem, ou seja, desenvolvam uma interação mútua a partir do conteúdo repassado pelo professor, pois as indagações correntes entre os alunos facilitam o envolvimento da turma e deixam o professor atualizado sobre o nível de atenção dos seus alunos.

O professor deve ter um relevante domínio da linguagem para se expressar com mais facilidade com os alunos. Ele precisa ser claro nas explicações e utilizar, sempre que necessário, do bom senso de humor para melhor tornar mais agradável a relação entre professor e aluno, tendo em vista a criação de situações lúdicas de aprendizagem.

Colocando em prática esses pontos e desenvolvendo outras habilidades de convivência e comunicação, o professor conseguirá melhorar a sua prática de ensino, conseqüentemente melhora seu ambiente de trabalho. Um esforço nesta direção testemunharia o compromisso e a seriedade de sua tarefa profissional, tornando-a mais satisfatória:

Os alunos, quando indicaram o nome de seu melhor professor, já tinham usado este critério como importante. A relação entre teoria prática pesou na escolha do BOM PROFESSOR. Sem dúvida nenhuma, percebi um esforço de parte dos docentes, em realizar um ensino adequado às suas idéias pedagógicas. Pode-se, então, até fazer uma crítica a algumas representações um pouco ingênuas do processo ensino-aprendizagem. Mas, não se negar que é presente, entre os nossos BONS PROFESSORES, uma tentativa de compromisso e seriedade com a sua tarefa profissional (CUNHA, 2006, p.132).

Pelo exposto, percebemos que o professor de filosofia tem várias dificuldades a serem enfrentadas no dia-a-dia, desde a dificuldade na aceitação do conteúdo que ministra até promover o desenvolvimento reflexivo do alunado. Com isso, é importante salientar que ele utilize ferramentas fundamentais, como textos filosóficos, e desenvolva habilidades como, por exemplo, desenvolver conteúdos para obter melhor desempenho no exercício reflexão do alunado, para que, a partir disso, possa ensinar o filosofar de forma mais dinâmica.

4. REFLEXÕES FILOSÓFICAS ACERCA DO ENSINO DE FILOSOFIA.

Apesar de surgirem vários estudos sobre o curso de pedagogia e também sobre a formação de professores no Brasil, a pedagogia e a filosofia, na concepção católica, andam juntas. Assim a pedagogia católica produz uma filosofia de educação de caráter reflexiva e construtiva.

Já no tocante ao percurso histórico da pedagogia no Brasil, compreendemos que, apesar de tantos desafios para melhor formação de educadores, houve uma considerável evolução. No entanto, a situação atual com relação ao desempenho do professor em sala de aula requer que sua ação educativa seja totalmente voltada para uma boa relação entre professor-aluno, em que os interesses dos alunos estejam em primeiro lugar. Assim, a partir do momento em que toma conhecimento de tais interesses, facilmente terá boa relação com o alunado.

O papel do professor de filosofia não é somente repassar um bom conteúdo, mas desenvolver o raciocínio dos alunos para os conflitos vivenciados no dia-a-dia, através de cada atividade proposta em sala de aula. Contudo, a utilização de textos filosóficos será um passo rumo ao caminho da reflexão, isto é, a reflexão, quando posta em prática, é muito mais complexa e o professor de filosofia deve orientar seus alunos para esta prática de modo que eles usem o pensar para o desdobramento de amplos conhecimentos. E não apenas isto, pois para ser um bom professor, deve-se desenvolver habilidades e competências para obter pontos positivos em seu trabalho.

Portanto, mesmo com tantas dificuldades, percebemos que o professor precisa enfrentá-las usando ferramentas, desenvolvendo habilidades e competências principalmente atuando de forma dinâmica de forma a mobilizar os alunos à reflexão fazendo com que não sintam tanta dificuldade em relação ao filosofar.

4.1. Orientações curriculares.

Com o retorno da filosofia nas escolas, depois de um longo período de exclusão, em especial no ensino médio, e com a nova realidade do país, muitas dificuldades irão surgir, pois esse novo conteúdo para os jovens alunos é completamente estranho e não é

referenciado entre os conteúdos que serão cobrados nos exames de seleção. Assim, é sempre comum haver divergências entre os alunos sobre essa disciplina.

Por outro lado, tendo uma boa orientação de um professor que domine esse conteúdo, será mais fácil alcançar um dos objetivos, que é desenvolver a capacidade de pensar, analisar e relacionar problemas. Isto é, por meio de investigações sobre temas específicos, é possível fazer com que os estudantes alcancem o filosofar. A Secretária de educação básica formulou assim este objetivo:

Independentemente de como determinada orientação filosófica estiver configurada, ela sempre resulta não tanto de uma investigação que tematiza diretamente este ou aquele objeto, mas, sobretudo, de um exame de como os objetos nos podem ser dados, como eles se nos tornam acessíveis. Mais do que o disposto à visão, a atividade filosófica privilegia um certo “voltar atrás”, um refletir por que a própria possibilidade e a natureza do imediatamente dado se tornam alvo de interrogação (SECRETARIA, 2006, p.23).

Notadamente, para haver um desempenho satisfatório na aula é necessário haver uma boa interação entre professor e aluno, ou seja, deve haver sempre diálogo que é fundamental para o desempenho da aula em si. As aulas podem ser um excelente meio para articular debates e treinar a argumentação dos alunos, fazendo com que eles tenham o exercício de reflexão sobre a teoria de algum filósofo ou até mesmo sobre sua realidade.

Outro ponto importante seria a postura do professor de filosofia, pois através de sua competência e habilidade, pode tornar suas aulas mais atraentes. Sua postura deve consequentemente refletir sua prática pedagógica, procurando compreender a realidade vivenciada pelos alunos.

Para pôr em prática certas atitudes que melhorariam a convivência em sala de aula. Assim, a Secretária básica de educação teorizou:

Sob essa perspectiva formadora e de superação de um ensino meramente enciclopédico, desenvolveu-se a idéia de um ensino por competências. Tal concepção, no entanto, não pode ser admitida sem a denúncia da coincidência flagrante entre o perfil do educando esboçado e, por exemplo, certos documentos do Banco Mundial. A flexibilização aparece, então, sob outra luz, como competências que “podem ser aplicadas a uma grande variedade de empregos e permitir às pessoas adquirirem habilidades e conhecimentos específicos orientados para o trabalho, quando estiverem no local de trabalho (SECRETARIA, 2006, p.29).

A partir disso, compreendemos que o professor deve estar sempre se atualizando, a fim de poder contribuir para a resolução dos problemas propostos em sala de aula e até mesmo fora dela. Entretanto, fazer com que os discentes passem a refletir sobre problemas do cotidiano e suas possíveis soluções é um grande desafio, não obstante fará com que eles desenvolvam o exercício do pensar.

O estudante deve ser educado para conviver com as dificuldades, buscando sempre a superação, fazendo com que não usem a desculpa de que é difícil chegar a tal objetivo e cheguem a desanimar por causa disso. Devem aprender que nem tudo é fácil, e que com a ajuda do professor de filosofia podem alcançar a difícil tarefa do pensar. Dessa forma a função do professor de filosofia torna-se mais complexa, pois sua tarefa agora não se limita a só repassar os conhecimentos, mas sim ensiná-los a refletir sobre certos aspectos da realidade associados a esses conhecimentos, e isso vai requerer uma seleção de atividades contextualizadas.

Portanto, o objetivo da disciplina filosofia é proporcionar ao alunado um enriquecimento intelectual, mas para que isso aconteça é necessário aplicar uma prática de ensino que tenha o propósito de desenvolver no aluno a capacidade de refletir sobre as questões advindas das mais variadas situações.

4.2. Professor Filósofo X Professor Reformulador.

Diante das práticas do professor filósofo e do professor reformulador, podemos ressaltar que tais práticas são divergentes. O professor filósofo é aquele que atua como um produtor de discursos filosóficos originais, já o professor reformulador tem a função de desempenhar um discurso pedagógico através da tradição filosófica, na tentativa de converter esse desempenho em um saber “ensinável”.

Assim, o papel do professor reformulador, se quer desenvolver tal propósito, não pode apenas ocupar-se em reproduzir um discurso já pronto. Mas, atualizar-se diariamente para formular novas indagações filosóficas, com isso estará ensinando um exercício de reflexão para seus alunos e não repassando apenas informações, já que o professor precisa perceber que sua aula deve deixar algo produtivo.

Ao discutir o papel do professor, Lília Maria Rodrigo afirma que:

Compete ao primeiro construir uma modalidade de saber distinta, que não é produzida pelo pesquisador acadêmico, modalidade que promove reformulação do saber de referência– a filosofia – para transformá-lo em conhecimento. Nessa tarefa, [...], reside originalidade de seu trabalho, desde que o professor não se coloque como mera caixa de ressonância de um saber filosófico já consolidado, mas atue como produtor de uma forma própria e específica de discurso. [...], em lugar de qualificar o professor como *reprodutor* do saber especializado, será mais correto designá-lo como *reformulador* desse saber (RODRIGO, 2009, p.83).

As possibilidades de reformulação do professor para se alcançar algum desenvolvimento com relação ao saber escolar são bastante limitadas, pois a realidade efetiva daquilo que se passa atualmente com o ensino de filosofia no nível médio, por exemplo, não deixa muito espaço para a mudança. Primeiramente, os textos didáticos disponíveis no mercado editorial são objetivados por outros, assim os docentes na prática assumem uma postura passiva. Com a utilização do manual eles acabam deixando de lado o programa da disciplina, e, por conseguinte, passam a abrir mão da intervenção pessoal, prejudicando a seleção de conteúdos e até mesmo na ordem de transmissão em sala de aula. Tal postura é contrária à exigência de autonomia e responsabilidade, entendidas como elementos essenciais para ser o autor do próprio discurso didático. A submissão aos conteúdos dos manuais contribui para o rebaixamento da sua função. Segundo Rodrigo:

Assumir a autoria do discurso didático significa contribuir uma ordem de transmissão própria, quer dizer, baseada numa elaboração pessoal, pela qual – sempre levando em consideração aquilo que é relevante para a formação do aluno – o próprio professor determina os tempos e a forma pelos quais o conteúdo adquirido durante seu percurso formativo pode converter-se em saber escolar. (RODRIGO, 2009, p.84).

O professor reformulador deve iniciar seu discurso a partir de problemas que possibilitem o desenvolvimento e a criação de novas ideias, afastando-se do discurso já pronto. Já o discurso reformulador, segundo Rodrigo, justifica-se pelo pressuposto de que uma distância cultural existente entre o alunado do nível médio e o saber filosófico. Com o retorno da filosofia para sala de aula nesse nível de ensino, os professores passam pelo desafio de um ensino dirigido aos jovens com problemas culturais de várias ordens. Essa distância presente entre aluno e saber filosófico é bastante grande, por isso é necessário a mediação do professor, mas que seja capaz de

transitar em sala de aula esse conhecimento que ele realmente domina e conhece. Assim, o papel do aluno é ter acesso à disciplina e não percorrer um caminho de forma autônoma.

Na verdade o professor deve se capacitar para uma comunicação didática acessível ao aluno, de modo que preserve a autenticidade dos pensamentos. Para Rodrigo:

A verdade é que no nível médio o professor de filosofia defronta-se com duas demandas contraditórias: ele deve ter a capacidade de comunicar didaticamente – de forma acessível ao aluno – o pensamento filosófico e, ao mesmo tempo, de preservar a autenticidade desse pensamento, de modo que expresse sua inevitável complexidade. (RODRIGO, 2009, p.89).

Assim, em virtude da distância cultural entre filosofia e os estudantes do ensino médio, o discurso do professor reformulador torna-se necessário para que os alunos tenham a disciplina como algo mais flexível. Sobretudo para que o educador consiga alcançar o seu objetivo, que é transmitir o exercício de reflexão para os discentes. Já o discurso mediador é visto como um instrumento privilegiado, ou seja, de pouco acesso, mas com instrumentos capazes de conduzir à autonomia intelectual do aluno.

5. RECOMENDAÇÕES METODOLÓGICAS.

Através das diversas visões propostas e até mesmo das mudanças ocorridas com o passar do tempo, o papel do professor de filosofia e as suas dificuldades em sala de aula ainda são existentes. Assim, para compreender o desenvolvimento das questões enfrentadas em seu cotidiano é necessário conhecer os principais fatores responsáveis por tais dificuldades. O papel do professor é ter um bom desempenho em seu local de trabalho para que seus alunos não tenham tanta dificuldade na sua disciplina.

Apesar de a educação brasileira ter passado por tantas etapas para os docentes chegarem a ter uma formação melhor, os professores de filosofia atualmente ainda enfrentam problemas, como a aceitação por parte dos alunos do conteúdo que ele ministra, além de fazer com que o estudante passe a refletir sobre os conflitos sociais vivenciados no nosso dia-a-dia. Com isso, é preciso que ele se utilize de ferramentas fundamentais, como bons textos filosóficos e desenvolva habilidades para enfrentar essas dificuldades e consiga ensinar o filosofar de forma mais atualizada, dinâmica e flexível nos temas e recursos pedagógicos.

O professor deve se capacitar para uma comunicação didática de maneira criativa e que seja produtora do exercício de reflexão entre os alunos, de modo a estimular e levar adiante esse exercício de pensar sobre tais questões impostas pela realidade dos alunos. Acreditamos que isso desenvolva a criatividade e a transformação da capacidade de reflexão, possibilitando a renovação da mentalidade e a abertura para novas opiniões, se traduzindo na renovação das ideias, valores e práticas da nossa sociedade.

Não obstante, tendo a oportunidade de ir sala de aula, o docente precisa reformular suas práticas, ou seja, inovar suas aulas. Selecionando atividades, utilizando-se de uma didática filosófica e percebendo que seu local de trabalho é um espaço em que se pode formular indagações filosóficas, e não enxergar a sala de aula como um local em que o professor oferece apenas perguntas e respostas prontas, sem um efetivo esforço para estimular seus próprios alunos a formularem perguntas filosoficamente importantes.

Portanto, insistimos que o professor de filosofia, mesmo tendo suas dificuldades, precisa enfrentar este desafio de maneira inovadora, ou seja, produzindo novas habilidades para melhor desempenhar o seu trabalho, e acima de tudo beneficiando seus alunos com uma boa aula, pois mesmo o aluno tendo uma grande distância com relação ao saber filosófico, o professor desenvolvendo suas habilidades será um mediador capaz de transmitir em sala de aula esse conhecimento que ele realmente domina.

5.1. Vivência do estágio de observação da Prata: sob o foco do papel do professor de filosofia.

A observação participativa realizada no estágio na Escola Estadual de Ensino Médio e Profissionalizante Doutor Elpídio de Almeida, localizada na Rua Duque de Caxias, no bairro da Prata em Campina Grande, nos permitiu formular algumas conclusões. Foi possível notar através das observações feitas que o Professor tem competência e certas habilidades com relação ao conteúdo repassado para os alunos, apesar de encontrar certas dificuldades, como foi notável, com relação à falta da importância da disciplina para alguns alunos. Uma marca desse problema foi a ocorrência de bastantes conversas paralelas na sala de aula, mas logo o professor tinha a preocupação de recuperar a atenção dos alunos para a aula.

Assim, percebemos que apesar de toda dificuldade constatada, a postura do professor foi sempre fazer com seus alunos refletissem aspectos importantes da realidade a partir das teorias de alguns filósofos que eram expostas em sala de aula. O exercício de reflexão tinha como ponto de partida justamente problemas atuais, o que dava início aos debates em sala de aula, sempre relacionados com os textos filosóficos e as atividades selecionadas. Dessa forma, podemos entender que:

Ensinar é colocar alguém na antessala dos desafios que, em última instância, são pessoais. O que caberia ao professor de filosofia estimular a levar adiante esse desafio. Filosofar é atrever-se a pensar por si mesmo, e fazê-lo requer uma decisão. (CERELETI, 2009, p.80).

Perguntamo-nos se todas essas habilidades até então apresentadas são realmente necessárias e suficientes para que os alunos se interessem pela filosofia, ou se eles necessitavam de algo a mais? Só eles poderiam responder a essas indagações.

Recorremos a uma consulta por meio de um questionário aplicado em sala de aula (conforme o modelo em anexo).

A maioria dos alunos afirmou que o professor tem um bom método de ensino e boa relação também. Esses fatores ajudam bastante no interesse pelo conteúdo da disciplina, e fizeram com que eles participassem da aula. Os alunos disseram ainda que consideraram importante o professor insistir na importância de cada um expor a sua opinião, o que nem todos gostam, pois não estão habituados ao debate e a exposição.

É com estas respostas dos alunos que percebemos o quanto é fundamental o papel de um professor. Sua postura, seu método de ensino, o diálogo, enfim uma boa relação entre professor-aluno é muito importante em sala de aula para que o desempenho de ambos seja positivo, e não se resume a uma aula monótona e que o aluno seja apenas o indivíduo receptor de informações. É necessário que a aula se configure em um acontecimento positivo e produtivo, de modo que o estudante se desenvolva no exercício de reflexão, e não seja um mero repetidor de ideias, tornando-se um cidadão com opinião crítica, com uma compreensão refletida da realidade social. Assim:

A função docente é uma representação complexa que está atravessada por várias questões. As tarefas acadêmicas que formam “o repertório de esquemas práticos do professor” não são adotadas ou inventadas de forma descontextualizada. (CERELETI, 2009, p.56).

É preciso que o professor tome iniciativa para tornar a aceitação da filosofia nas escolas mais fácil, pois, buscando um equilíbrio entre suas experiências na condição do ser professor e desenvolvendo um esforço para realmente compreender a condição e a realidade do aluno, concretizaria uma prática pedagógica e filosófica que realmente contribuiria para tornar menos difícil o retorno e a aceitação da filosofia enquanto disciplina fundamental para o exercício da cidadania.

Assim, o estágio supervisionado nos proporcionou observar de forma mais direta a relação entre professor e aluno, bem como poder constatar a importância do papel do professor para que a aula tenha um bom desempenho para ambas as partes. Os alunos em sua maioria se mostravam satisfeitos com a didática do seu professor e se mostravam interessados pela disciplina de forma bastante notória.

Portanto, a partir do estágio, ficou claro que a postura do professor é essencial para um bom desenvolvimento em sala de aula. A constatação de que a maioria dos alunos não tenha despertado ainda para a importância da filosofia no seu cotidiano, faz com que nós, graduandos do Curso de Licenciatura em Filosofia da UEPB, assumamos o compromisso de nos preparar e também utilizar ferramentas para melhor desenvolvimento com relação à recepção da disciplina Filosofia, quando houver a oportunidade de ir à sala de aula.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência realizada no Estágio de Observação confirmou que o papel do professor de filosofia é fundamental para os alunos se interessem pela disciplina. Pudemos observar que, mesmo alguns alunos estando desinteressados, o professor soube motivar a turma e pôde desenvolver e ativar habilidades e recursos, dentro de sua competência, para que sua aula e o conteúdo como um todo se tornasse algo importante, estimulante e criativo. Devemos destacar que, nas aulas de filosofia, eram dadas as maiores oportunidades para os alunos se expressarem, e, com isso, a aula se tornava mais fácil e prazerosa para eles.

Analisamos ainda que, para que isso viesse a se tornar possível, o docente tinha organização em suas aulas e trabalhava com bons textos filosóficos, incentivava a leitura e a escrita dos alunos. Além do mais, todo conteúdo filosófico era relacionado com temas atuais e bastantes presentes na realidade dos estudantes.

Esses foram os desafios que verificamos ao longo do nosso estágio. Outrossim, queremos salientar que é sempre possível se interrogar sobre como desenvolver novas estratégias por meio das quais as aulas de filosofia sejam um acontecimento criativo, e não simplesmente a aplicação de discursos prontos, técnicos, monótonos e desinteressantes. Depreendemos que a função do professor de filosofia é tentar desenvolver em seus alunos uma atitude filosófica, por meio de suas ferramentas centrais, ou seja, os textos filosóficos que, analisados, compreendidos e debatidos, permitem um passo essencial para o longo caminho do filosofar.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERELETI, Alejandro. Em direção a uma didática filosófica. In:_. **O ensino de filosofia: como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, Coleção Ensino de Filosofia. p.80.

_____. A formação docente: entre professores e filósofos. In:_. **O ensino de filosofia: como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, Coleção Ensino de Filosofia. p.56.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 18 ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 10º ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RODRIGO, Lidia Maria. O filósofo e o professor de filosofia: praticas em comparação. In: **A filosofia e seu ensino: caminhos e sentidos**. São Paulo: Loyola, 2009. p. 79-93.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Ciências humanas e suas tecnologias. Vol. 3. Brasília: Ministério da educação, 2006. 133 p. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio).

8. ANEXOS

Estagio Supervisionado I

O principal objetivo deste questionário é proporcionar a análise da relação do professor com o alunado; como também verificar se há ocorrência de conflitos educacionais.

Assinale apenas uma opção de resposta para cada pergunta.

1. Genericamente, como se caracteriza esta escola em termos de ambiente de trabalho?

muito bom bom mau muito mau

2. Analisa que, em geral, as relações entre os professores e alunos aqui na escola são:

muito bom bom mau muito mau

3. A existirem, as más relações entre professores e alunos provocam, na escola, conseqüências:

diretas no comportamento dos alunos

no desempenho profissional dos professores em geral

apenas no comportamento pessoal dos professores e alunos ao conflito

são passageiros, não se refletindo em nenhum setor em especial

4. Como avalia a relação de participação dos alunos nas aulas

muito boa boa má muito má

5. Considera que há ocorrência de conflitos no ambiente escolar, seja ele interno ou externo

sim não

6. Presenciou alguma cena de bullying na sala de aula, ou ambiente escolar?

sim não

7. Se presenciou estas cenas de violência, elas tinham caráter principal de agressões

físicas verbais físicas e verbais



Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA

Centro de Educação
Departamento de Filosofia e Ciências Sociais
Curso de Licenciatura Plena em Filosofia
Estágio Supervisionado em Filosofia 4º Ano
Período 2011.1

Frequência do/a Aluno/a Estagiário/a

Estágio Supervisionado: I Turma: 2009.1 Turno: diurna Habilitação: licenciatura
Estagiário(a): Karília Kithyá Andrade da Silva
Escola-Campo: P. R. A. B.
Supervisor da UEPB: Rosemary Marinho da Silva
Supervisor da Escola-campo: _____

Data	Carga horária	Atividade Desenvolvida	Rubrica do (a) Professor (a) - supervisor (a) da escola
15.04		Diálogo com o professor	
29.04		Presença na aula de filosofia	
10.06		observação da postura do prof. em sala	
17.06		observação do comportamento do professor	
19.08		Presença na aula de filosofia	
25.08		observação nível de amizade professor/aluno	
09.09		obs. da metodologia do professor	
16.09		obs. da técnica do prof. com relação a aula	
23.09		pesquisa com prof. e alunos. questionário	
Observação do(a) Professor(a) Supervisor(a) ou Coordenador(a) da Escola-Campo			Carimbo e Assinatura da Direção Escolar

ENCALCANTE
Edineis Neves Cavalcante
DIRETORA ADJUNTA
AUT. 1.377

Questionário: Relação professor – aluno.

1. Qual sua opinião com relação ao seu professor de filosofia?

2. Você tem uma boa relação com ele?

() SIM () NÃO

3. Você participa das aulas de filosofia?

() SIM () NÃO

4. Na sua opinião é necessário estudar filosofia? Por quê?

() SIM () NÃO

Universidade Estadual do Paraíba		Estágio / u. Maria Mithy Andrade da Silva.	
Plano de Ação.		Quando	Indicador
<p>Estágio I. Escola: PRATA. 12º ano 1</p> <p>Ação</p> <p>Presença nos aulas de filosofia.</p> <p>Presença na aula de filosofia.</p>	<p>Quando: 15/04</p> <p>Presença na aula de filosofia.</p>	<p>Quando: 29/04</p> <p>Compartilhamento de professor de filosofia dentro e fora da sala de aula.</p>	<p>Quando: 06/05</p> <p>Compartilhamento de professor de filosofia dentro e fora da sala de aula.</p>
<p>Presença com o professor nos.</p> <p>Presença na sala de aula.</p> <p>Pesquisa com o professor.</p>	<p>Quando: 13/05</p> <p>Presença com o professor nos.</p> <p>Presença na sala de aula.</p> <p>Pesquisa com alunos.</p>	<p>Quando: 20/05</p> <p>Pesquisa com o professor nos.</p>	<p>Quando: 27/05</p> <p>Pesquisa com o professor nos.</p>
<p>Em andamento →</p>	<p>Quando: 03/06</p>	<p>Quando: 10/06</p>	<p>Quando: 17/06</p>
<p>Procedimento</p> <p>Assistir a aula de filosofia, com tema previamente: a) postura b) material c) preparação.</p> <p>Observar: a) posição dos alunos com relação ao professor; b) autoridade em sala de aula; c) método.</p> <p>Observar o professor em sala de aula e interações.</p> <p>Observar: a) plano de aula; b) livros utilizados; c) visão com relação a ψ; d) visão dos alunos sobre ψ.</p> <p>Observar: a) relação do professor com os alunos / nível de amizade; do professor com o conteúdo; c) participação dos alunos.</p> <p>Questionar com os alunos.</p> <p>Entrevista com o professor.</p>		<p>Realizado</p>	<p>Realizado</p>
<p>Resultado</p> <p>Observar mutuamente o professor.</p> <p>Observar em aula novo com relação ao professor.</p> <p>Observar o comportamento do professor em sala de aula.</p> <p>Diálogo com o professor.</p> <p>Observar técnica de professor com relação aos alunos.</p> <p>Reposar questões tiradas para os alunos.</p> <p>Entrevista com o professor.</p>		<p>Indicador</p> <p>Verificação</p>	<p>Verificação</p>

- O papel do professor de filosofia.